

RECADO DE PARIS

PARIS, junho — Joan Miró ex.õe na Galeria Maeght: algumas esculturas em pedra ou bronze, alguns "objetos" em osso e ferro, terracota e ferro, e materiais assim; algumas "pinturas-objetos" de óleo sobre tela e ferro, óleo e c.ª sobre papelão, óleo sobre fibrocimento, um album de 13 litografias, uma série de litografias coloridas avulsas e 57 litografia a cores incluindo um poema de Tzara, "Parler Seul".

Uma d's curiosidades da exposição são as gravuras em madeira a 7 cores feitas para o livro que o nosso vice-cônsul brasileiro em Barcelona, o bom poeta João Cabral de Melo, escreveu sobre o artista catalão. Sempre sequioso de experiências, Miró utilizou ali uma lata de sardinhas, uma agulha de pescador fazer réde e, pregando essas coisas e outras em blocos de madeira e usando uma mistura de processos, fez essas gravuras realmente curiosas que João Cabral editou a 125 exemplares.

Há também cerâmica na exposição, feita em colaboração com Artigas. Perguntei o preço de um belo vaso; era excessivamente caro, custava 250 mil francos. Miró pôde cobrar muito caro porque, não vendendo aqui éle vende nos Estados Unidos, onde me disse que voltará a expor no ano que vem. Éle encanta os norte-americanos e as crianças, o que não digo contra éle, mas a favor da graça quase chocante dessas garatujas de cores vivas.

Éle catou um pouco por toda parte as armas ingênuas de seu arsenal lírico e plástico: os bonécos sumários que as crianças desenham nas paredes, as garatujas que os adultos distraídos fazem com o lápis quando estão conversando sobre outras coisas, ídolos negros, escrita chinesa, luas e estrélas, olhos, fios de arame... tudo isso sempre em composição sábia e em contrastes de cores de uma falsa facilidade.

Com seus signos, que às vèzes se desfazem em puras linhas e cores, éle oscila entre o surrealismo e o abstracionismo, e com freqüência agrada aos dois lados, como ainda em outro plano parece merecer um ólho cordial dos franquistas, dos comunistas e dos democratas americanos. O que salva tudo é o tom legítimo de sua arte, essa brincadeira sincera e difícil mas alegre em que é mestre. Já na escultura, às vèzes tem mais fôrça, outras vèzes raia pelo mau gèsto — uma sua "mulher" em ferro parece mais um telefone do homem das cavernas. Nas litografias em preto e branco vemos mais pousadamente seu domínio do desenho e da composição.

Miró não ganha muito em ser exposto assim; cada pequena litografia sua dá para iluminar uma parede inteira, de modo que tantas juntas cansam os olhos como as luzes de uma barraca de feira infantil. Sua fortuna não está em uma grande arte que, com toda a certeza, não procura fazer, mas na personalidade original e sentida nessas coisas que parecem fáceis de copiar mas afinal de contas só poderiam ser feitas pelo catalão pequenino e inquieto.

11.6.50

R. B.